

FAMÍLIA E CAPITAL CULTURAL: COMO O CAPITAL HERDADO MOLDA TRAJETÓRIAS ESCOLARES**FAMILY AND CULTURAL CAPITAL: HOW INHERITED CAPITAL SHAPES SCHOOL TRAJECTORIES** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.006-017>**Ellen Cristina Ferreira Leite**

Especialista em psicopedagogia com ênfase em psicomotricidade

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8408-2118>**RESUMO**

Este artigo investiga como o capital cultural herdado das famílias influencia as trajetórias escolares de crianças e jovens, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. A partir da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, entende-se que os diferentes tipos de capital econômico, social e, sobretudo, cultural exercem papel determinante na reprodução das desigualdades educacionais. O objetivo do estudo é analisar criticamente a produção acadêmica nacional e internacional publicada entre 2018 e 2023 que discute a relação entre herança cultural familiar e desempenho escolar, com ênfase na forma como esse capital é mobilizado, reconhecido ou ignorado pelas instituições educativas. A metodologia adotada consistiu em uma revisão narrativa de literatura, que permitiu não apenas mapear os principais achados, mas também identificar lacunas, tendências e tensionamentos nas abordagens atuais. A análise dos trabalhos selecionados revelou, de um lado, a persistência de mecanismos de reprodução social mediados por práticas escolares que privilegiam códigos culturais próximos aos das elites; de outro, evidenciou-se a existência de estratégias familiares alternativas, muitas vezes invisíveis ou desvalorizadas pela escola, que expressam formas legítimas, embora subalternizadas, de engajamento com o saber. Observou-se ainda que, embora a maioria dos estudos adote abordagens qualitativas centradas na experiência de sujeitos e famílias, há crescente interesse em pesquisas que articulem dimensões macroestruturais e microsociais, ampliando a compreensão da complexidade envolvida nas dinâmicas escolares. Conclui-se que a escola, ao ignorar ou deslegitimar os repertórios culturais diversos que os estudantes trazem de seus contextos de origem, contribui para a manutenção de um modelo educacional que reforça desigualdades preexistentes. Ao mesmo tempo, o reconhecimento e a valorização desses repertórios podem configurar-se como caminhos potentes para a construção de práticas pedagógicas mais equitativas e sensíveis às múltiplas realidades dos alunos.

Palavras-chave: Bourdieu; Capital cultural; Desigualdade escolar; Educação.**ABSTRACT**

This article explores how the cultural capital inherited from families influences the educational trajectories of children and adolescents, particularly in contexts of social vulnerability. Grounded in Pierre Bourdieu's theoretical framework, the study considers how different forms of capital—economic, social, and especially cultural—play a decisive role in the reproduction of educational inequalities. The objective is to critically examine national and international academic literature published between 2018 and 2023 that addresses the relationship between family cultural heritage and school performance, with particular attention to how this capital is mobilized, recognized, or dismissed by educational institutions. A narrative literature review methodology was employed, enabling not only the mapping of key findings but also the identification of gaps, emerging trends, and tensions in contemporary research. The analysis revealed, on one hand, the persistence of social reproduction mechanisms embedded in school practices that favor cultural codes aligned with dominant social groups; on the other hand, it highlighted alternative family strategies—often



invisible or devalued by schools—that represent legitimate, though marginalized, forms of educational engagement. Furthermore, while most of the reviewed studies adopt qualitative approaches focused on the lived experiences of families and students, there is a growing interest in research that bridges macrostructural and microsocial dimensions, offering a more nuanced understanding of the complexities shaping schooling processes. The study concludes that by disregarding or delegitimizing the diverse cultural repertoires students bring from their home environments, schools contribute to the perpetuation of an educational model that reinforces existing inequalities. Conversely, the recognition and appreciation of these repertoires may offer powerful pathways toward the development of more equitable and culturally responsive pedagogical practices.

Keywords: Bourdieu; Cultural capital; Educational inequality; Education.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objeto de análise o modo como o capital cultural herdado pelas famílias influencia as trajetórias escolares de crianças e jovens, sobretudo em contextos marcados pela vulnerabilidade social. A investigação se ancora na teoria sociológica de Pierre Bourdieu, cujos conceitos de campo, habitus e capital permitem compreender os mecanismos invisíveis de reprodução das desigualdades educacionais (Bourdieu, 1983; Bonnewitz, 2003; Nogueira; Catani, 2014). Ao problematizar a relação entre origem social e desempenho acadêmico, esta pesquisa busca mapear como a herança cultural recebida em casa seja ela objetivada em bens, incorporada em disposições ou institucionalizada em diplomas se entrelaça com os critérios de valorização simbólica da escola, impactando o sucesso ou fracasso escolar.

A escolha desse tema decorre da relevância contemporânea do debate sobre justiça educacional, especialmente diante da constatação de que o acesso à escola, embora ampliado, não garante equidade de resultados. Como demonstram estudos de Tuttle (2019) nos Estados Unidos e Sánchez (2020) na América Latina, a escola continua a funcionar como espaço de legitimação de certos capitais, mais frequentes entre as elites culturais. No Brasil, a desigualdade educacional permanece como um dos principais entraves à mobilidade social, evidenciando a necessidade de compreender não apenas os fatores estruturais, mas também os mecanismos simbólicos e subjetivos que moldam as trajetórias escolares (Santos, 2021; Costa, 2022).

Nos últimos anos, várias revisões de literatura abordaram o papel do capital cultural na educação, como exemplo dos trabalhos de Oliveira e (2021), Gomes e Silva (2018) e Murillo e Hernández-Castilla (2017). Tais estudos destacam a centralidade da família na reprodução das desigualdades educacionais e reconhecem a influência das práticas culturais domésticas sobre o desempenho escolar. Contudo, há lacunas relevantes nessas revisões: muitas delas limitam-se a investigações descritivas, carecendo de articulação mais profunda com os conceitos de habitus e campo, ou concentram-se em amostras urbanas, negligenciando variações regionais e culturais (Bonnewitz, 2003). Além disso, a maioria das revisões não contempla a produção recente de países hispano-americanos e de língua inglesa, que trazem contribuições relevantes, como o trabalho de Hatcher (2021) sobre o impacto do capital cultural na elaboração de projetos de fim de curso no ensino superior britânico, e de Pérez e Murillo (2017), que discutem o capital cultural e seu papel na perpetuação da exclusão educacional na Espanha.

Diante desse cenário, este artigo propõe a seguinte questão de pesquisa: Como o capital cultural herdado das famílias molda as trajetórias escolares de crianças e jovens em contextos de desigualdade social?

Como resposta a essa pergunta, este estudo busca realizar uma análise crítica da produção acadêmica nacional e internacional mais recente que aborda a relação entre o capital cultural proveniente

do meio familiar e os percursos escolares dos indivíduos, tomando como base interpretativa a teoria de Pierre Bourdieu. Além de atualizar o panorama dos debates atuais, compreender de que maneira determinadas práticas familiares podem favorecer ou limitar o desempenho escolar, bem como investigar o papel da escola na reprodução ou transformação desses capitais culturais.

Diante do cenário contemporâneo das pesquisas em educação, esta revisão de literatura mostra-se necessária e relevante por três razões centrais. Em primeiro lugar, contribui para a atualização do campo ao incorporar publicações recentes, produzidas entre os anos de 2018 a 2024, ampliando o escopo analítico para além das contribuições clássicas já consolidadas. Em segundo lugar, distingue-se por integrar produções acadêmicas internacionais, em inglês e espanhol, frequentemente negligenciadas por revisões nacionais, o que possibilita uma leitura comparativa e transnacional do capital cultural e de seus efeitos sobre as trajetórias escolares. Por fim, ao mobilizar os conceitos de campo, habitus e capital cultural de Pierre Bourdieu, a presente revisão busca reaproximar tais categorias do debate educacional contemporâneo, contribuindo para uma compreensão mais sofisticada e crítica dos mecanismos simbólicos que perpetuam as desigualdades escolares.

O artigo está estruturado da seguinte maneira: na seção 2, será apresentada a fundamentação teórica com foco na sociologia de Bourdieu e suas aplicações ao campo educacional; na seção 3, realiza-se a análise dos resultados da revisão narrativa da literatura, abordando estudos em português, espanhol e inglês; por fim, a seção 4 apresenta as considerações finais, sintetizando os principais achados, lacunas e contribuições da pesquisa para o campo da educação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da reprodução das desigualdades educacionais exige, inevitavelmente, uma imersão nos conceitos fundamentais da teoria social de Pierre Bourdieu. Seu arcabouço teórico permanece central nas análises que tratam da maneira como a escola contribui para a manutenção das hierarquias sociais, ao mesmo tempo em que se apresenta como espaço de disputa simbólica e de possível reconversão cultural (Bourdieu, 1998; Nogueira; Catani, 2011).

No núcleo dessa abordagem, situam-se os conceitos de habitus, capital e campo, que formam a espinha dorsal da teoria bourdieusiana. O habitus é concebido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis, incorporado por meio da socialização, que orienta percepções, práticas e representações (Bourdieu, 1974). O capital cultural, por sua vez, em suas três formas – incorporado, objetivado e institucionalizado –, refere-se aos recursos simbólicos desigualmente distribuídos entre as classes sociais e que incidem diretamente nas trajetórias escolares (Bourdieu, 1979). Já o campo é compreendido como um espaço estruturado e estruturante, no qual agentes dotados de diferentes volumes e espécies de capital disputam a legitimação de saberes e práticas socialmente valorizadas (Bourdieu, 1998).



Essas categorias se articulam entre si de maneira dinâmica e não atuam de forma isolada, como mostram os estudos de Lareau (2003). A autora demonstra que famílias das classes médias tendem a promover um "acompanhamento concertado" da vida escolar dos filhos, mobilizando seus recursos culturais de forma estratégica. Essa prática favorece a conformação de um habitus escolarizado, alinhado às expectativas institucionais, em contraste com o habitus das classes populares, mais distanciado das normas escolares. Weininger e Lareau (2003) aprofundam essa análise ao evidenciar que o capital cultural está entrelaçado à estrutura social, moldando não apenas o desempenho acadêmico, mas também as formas de engajamento e reconhecimento dentro do espaço escolar.

No panorama das contribuições teóricas contemporâneas, revisões nacionais e internacionais ampliam o entendimento sobre a funcionalidade do capital cultural no contexto educacional. Bonnewitz (2014), Pontes (2020) e Alves e Araújo (2022) reforçam que a escola está longe de ser uma instância neutra, atuando como arena simbólica onde habitus diversos entram em confronto. Os autores destacam que o campo educacional é permeado por disputas por reconhecimento e legitimação de saberes, conformando dinâmicas que favorecem certos grupos em detrimento de outros.

Em articulação com essa leitura estrutural, Maurice Tardif (2014) contribui ao introduzir a noção de saberes docentes como construções socialmente situadas, permitindo compreender a formação do professor à luz das disposições culturais dos alunos e dos embates simbólicos do campo escolar. De forma complementar, Charlot (2001) enfatiza que a relação com o saber é socialmente construída e atravessada pela experiência, pela linguagem e pelo pertencimento aspectos que Silva (2000) também problematiza ao discutir identidade e currículo.

Tais formulações encontram apoio em investigações empíricas recentes, como a de Tuttle et al. (2022), que evidenciam como a familiaridade prévia com códigos escolares e estratégias de estudo representa um diferencial importante no desempenho em avaliações de alto impacto. Sánchez (2017) reitera esse argumento ao apontar a escola como um espaço de filtragem simbólica, onde operam mecanismos de exclusão baseados na valorização de determinados capitais culturais. De forma semelhante, Santos et al. (2024) mostram que o capital cultural segue sendo um dos principais vetores das desigualdades educacionais no Brasil, ao refletir as disparidades sociais herdadas e reproduzidas no ambiente escolar.

No plano metodológico, o trabalho de Nunes e Andrade (2024) representa um avanço ao propor uma escala de capital cultural, cujos parâmetros são validados empiricamente com base na estrutura interna das práticas culturais e educacionais. Essa proposta contribui para mensurar com maior precisão os impactos das heranças culturais sobre o desempenho escolar, fornecendo um instrumento analítico robusto às pesquisas educacionais.

Por fim, a sistematização realizada por Nogueira e Catani (2011) sintetiza a trajetória da aplicação da teoria de Bourdieu nos estudos sobre educação no Brasil. Para além da reprodução das desigualdades,



os autores demonstram que os conceitos bourdieusianos têm possibilitado identificar também formas de resistência cultural e reconversão simbólica, protagonizadas por agentes escolares inseridos em contextos adversos.

Dessa forma, o referencial teórico aqui delineado não apenas resgata os fundamentos clássicos da teoria de Bourdieu, como também os articula a análises contemporâneas e evidências empíricas. Tal abordagem permite compreender a escola como arena de conflitos simbólicos, onde o capital cultural opera tanto como mecanismo de distinção quanto como possível vetor de transformação social.

3 CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS

A literatura recente sobre o impacto do capital cultural herdado nas trajetórias escolares revela um cenário analítico multifacetado, com diversidade metodológica e ênfases teóricas. A leitura crítica dos estudos selecionados nesta revisão narrativa permite identificar padrões, lacunas e articulações relevantes para compreender como os recursos simbólicos familiares interagem com o campo educacional, moldando o desempenho e a permanência escolar.

Predominam abordagens qualitativas, voltadas à compreensão dos significados atribuídos por famílias e estudantes às práticas culturais e às experiências escolares. Investigações conduzidas por Nascimento e Lopes (2021), Ribeiro e Almeida (2020) e Macedo e Souza (2020) recorreram a entrevistas semiestruturadas e à análise de conteúdo para captar as relações entre práticas domésticas e as exigências escolares. Em contraste, Lima (2018) adotou uma abordagem quantitativa, utilizando regressões estatísticas para correlacionar desempenho acadêmico com fatores como escolaridade parental, posse de bens culturais e hábitos de leitura no ambiente familiar.

No contexto internacional, Savva (2020) revelou, por meio de entrevistas com universitários britânicos, a existência de barreiras simbólicas derivadas da ausência de códigos culturais tácitos. Tuttle (2019), por sua vez, ao realizar etnografia com famílias negras nos EUA, evidenciou formas de resistência cultural que confrontam padrões escolares dominantes. Morales e Hernández (2021), a partir da observação participante em escolas mexicanas, demonstraram como a organização do tempo e do espaço doméstico reflete o *habitus* familiar, influenciando diretamente o desempenho escolar.

De modo geral, os estudos convergem na indicação de que o capital cultural herdado exerce uma influência sutil, mas estruturante, sobre o acesso e o sucesso educacional. A proximidade entre o *habitus* familiar e o *habitus* escolar tende a favorecer a adaptação e o bom desempenho acadêmico (Lima, 2018). Em contrapartida, a distância entre esses *habitus*, como apontam Nascimento e Lopes (2021), pode gerar conflitos simbólicos, dificuldades de inserção e sentimentos de inadequação.

Essas evidências confirmam a análise de Weininger e Lareau (2003), para quem a socialização “concertada” das famílias de classe média proporciona uma vantagem simbólica nas interações escolares.



O'Shea (2015) amplia essa leitura ao abordar os deslocamentos vivenciados por universitários de primeira geração nos EUA, em função da ausência de capital cultural previamente reconhecido. Complementarmente, Santos et al. (2024) enfatizam a importância das práticas discursivas familiares na internalização de expectativas escolares, especialmente entre crianças em contextos de vulnerabilidade.

A literatura também aponta para aberturas e possibilidades de reconfiguração do campo escolar. Embora a escola tenda a reforçar desigualdades, seu relativo grau de autonomia permite a emergência de práticas pedagógicas que valorizem saberes não-hegemônicos. Macedo e Souza (2020) destacam essa abertura, enquanto Morales e Hernández (2021) defendem o reconhecimento dos saberes populares como potencial estratégico de inclusão. Nunes e Andrade (2024), ao analisarem experiências escolares periféricas, identificam iniciativas que promovem o engajamento estudantil por meio da valorização do repertório cultural local.

A compreensão do capital cultural como gramática simbólica internalizada, que organiza o acesso ao saber legítimo (Bonnwitz, 2003), permanece central. Corrêa e Souza (2020) reafirmam a pertinência dos conceitos bourdieusianos de *habitus* e *campo* para a análise das desigualdades escolares. O diálogo entre pesquisas nacionais e internacionais fortalece o poder analítico do conceito, ao mesmo tempo em que permite sua reinterpretação à luz das realidades periféricas.

4 PADRÕES, TENDÊNCIAS E CONFLITOS

A análise revela três grandes eixos interpretativos: a centralidade do *habitus* na interação com a escola; a legitimação seletiva de estilos culturais como capital escolar; e a tensão entre reprodução e agência nas instituições educativas.

Há consenso de que a escola opera como um espaço de disputa simbólica, no qual são favorecidos os estudantes cujos *habitus* se aproximam do dominante. Essa constatação é evidente nos trabalhos de Lima (2018), Nascimento e Lopes (2021) e Ribeiro e Almeida (2020), que demonstram como a familiaridade precoce com práticas letradas ou repertórios valorizados pela escola se traduz em vantagem acadêmica. A análise de Weininger e Lareau (2003) reforça esse diagnóstico ao mostrar que a socialização concertada é sistematicamente premiada pelas instituições escolares.

Savva (2020), ao investigar estudantes universitários britânicos de primeira geração, destaca a importância do conhecimento implícito das normas acadêmicas como forma de capital invisível. Morales e Hernández (2021) evidenciam, no contexto mexicano, o descompasso entre os saberes familiares e o currículo escolar, ainda que os estudantes demonstrem resiliência. Já Santos et al. (2024) identificam como a ausência de mediações culturais específicas compromete a apropriação plena dos códigos escolares por parte de crianças em situação de vulnerabilidade.

Entretanto, nem todos os estudos convergem para uma leitura estritamente reprodutivista. Tuttle (2019) propõe o conceito de “capital cultural de resistência”, sugerindo que práticas culturais não hegemônicas podem constituir recursos legítimos. O’Shea (2015) introduz a noção de “habitus híbrido” ou “navegação cultural”, evidenciando estratégias de transição simbólica elaboradas por estudantes em contextos de deslocamento. Almeida e Silva (2022), em linha semelhante, apontam como projetos escolares inovadores desafiam a gramática simbólica dominante ao valorizar os saberes locais.

Esses deslocamentos analíticos são reforçados pelos conceitos emergentes de “capital cultural de resistência” (Tuttle, 2019), “habitus híbrido” (O’Shea, 2015) e “descompasso simbólico” (Morales & Hernández, 2021), que tensionam a leitura linear da reprodução social. Ainda que trabalhos como o de Lahire (2004) aprofundem essas inflexões, seu exame detalhado escapa ao escopo da presente revisão.

Por fim, a heterogeneidade metodológica que inclui análises estatísticas, etnografias, estudos de caso e revisões críticas que ampliam o espectro interpretativo, embora limite comparações diretas entre resultados. Em síntese, os estudos analisados confirmam a centralidade do capital cultural na produção das desigualdades escolares, ao mesmo tempo em que apontam espaços de agência e a possibilidade de transformação parcial das estruturas simbólicas dominantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão narrativa teve como objetivo investigar de que maneira o capital cultural herdado pelas famílias influencia as trajetórias escolares de crianças e adolescentes, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social. Esse objetivo foi plenamente alcançado, uma vez que a análise de estudos nacionais e internacionais, publicados entre 2018 e 2023, possibilitou identificar padrões teóricos e empíricos que aprofundam a compreensão dos mecanismos simbólicos da desigualdade educacional, à luz da teoria de Pierre Bourdieu.

Os principais resultados indicam a persistente centralidade do capital cultural familiar na configuração de trajetórias escolares desiguais. A presença de disposições, repertórios e estratégias herdadas das famílias mostra-se decisiva tanto para a aproximação quanto para o distanciamento da identidade escolar (Bourdieu, 1989; Bonnewitz, 2003). Conforme demonstram Lareau (2011) e Tuttle (2019), crianças vindas de famílias com maior volume de capital cultural tendem a usufruir de práticas pedagógicas e interações escolares que reconhecem e legitimam esse capital. Por sua vez, estudantes das camadas populares enfrentam uma dupla penalização: além da escassez material, deparam-se com o estranhamento simbólico frente aos códigos dominantes da escola (Weininger & Lareau, 2003; O’Shea, 2015).

Entre as principais contribuições deste trabalho, destacam-se três aspectos fundamentais. Primeiramente, a revisão atualiza o debate acadêmico ao incorporar produções recentes e em diversos idiomas, ampliando o diálogo teórico para além dos clássicos fundacionais. Em segundo lugar, ao integrar

artigos em inglês e espanhol, proporciona uma leitura comparativa e transnacional, que enriquece a análise e revela simultaneamente a universalidade e as especificidades dos mecanismos de reprodução escolar. Por fim, ao retomar os conceitos de habitus, campo e capital cultural, o estudo reafirma a atualidade e a potência explicativa da teoria bourdieusiana para compreender as desigualdades educacionais na contemporaneidade (Ferreira et al., 2020; Sánchez & Hernández, 2021; Morales & Hernández, 2021).

Esta revisão apresenta limitações importantes. A predominância de estudos qualitativos e situados, embora ofereça profundidade analítica, restringe a generalização dos achados. Além disso, observa-se a escassez de pesquisas que articulem, de forma interseccional, classe, raça e gênero no estudo do capital cultural, o que compromete uma leitura mais plural da realidade escolar (Nascimento & Lopes, 2021). Soma-se a isso a dificuldade de adaptação crítica da teoria bourdieusiana ao contexto latino-americano, frequentemente importada sem as devidas mediações socioculturais (Silva & Almeida, 2022; Corrêa & Souza, 2020).

Diante dessas lacunas, recomenda-se, para investigações futuras, o desenvolvimento de abordagens metodológicas mistas, que combinem a robustez quantitativa com a densidade qualitativa em estudos comparativos e de maior escala. Assim, esta revisão reafirma a atualidade e a relevância da teoria bourdieusiana no campo educacional, ao mesmo tempo em que sinaliza a necessidade de sua renovação crítica e contextualizada frente às complexidades do presente. Em tempos de aprofundamento das desigualdades sociais, compreender como o capital cultural estrutura e condiciona os percursos escolares continua sendo uma tarefa não apenas científica, mas também ética e politicamente comprometida. Além disso, torna-se imprescindível investigar como os sujeitos historicamente marginalizados têm produzido formas de resistência e ressignificado seus habitus escolares, especialmente à luz das transformações socioculturais que marcam o início do século XXI.

Conclui-se, portanto, que esta revisão reafirma a relevância da teoria de Pierre Bourdieu como instrumento analítico vigoroso no campo educacional. Contudo, sua aplicação demanda constante atualização crítica e enraizamento contextual. Em tempos de agravamento das desigualdades sociais, compreender como o capital cultural molda os percursos escolares constitui não apenas uma tarefa científica, mas igualmente um compromisso político e ético.



REFERÊNCIAS

- ALVES, Débora Ferreira; ARAÚJO, Helder Eterno da Silveira. Capital cultural e práticas escolares: contribuições da teoria de Pierre Bourdieu para a análise da educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 43, e238061, 2022.
- BONNEWITZ, Patrice. *Bourdieu: um sociólogo da ruptura*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern; Guilherme João de Freitas Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia cabila*. Trad. Rita Lima. Oeiras: Celta, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CORRÊA, Tamires; SOUZA, Lucas. Importações teóricas e desafios de tradução: o uso de Bourdieu na análise da educação latino-americana. *Revista Brasileira de Sociologia*, Brasília, v. 8, n. 20, p. 115–135, 2020.
- COSTA, Ana Paula. *Capital cultural e desigualdade educacional no Brasil: uma análise à luz de Bourdieu*. São Paulo: Cortez, 2022.
- GOMES, Danilo; SILVA, Juliana. Família e desempenho escolar: o papel do capital cultural. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 72, p. 1–18, 2018.
- HATCHER, Richard. Cultural capital and academic success: inequalities in final-year project supervision. *British Journal of Sociology of Education*, London, v. 42, n. 4, p. 543–558, 2021.
- LAREAU, Annette. *Unequal childhoods: class, race, and family life*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2011.
- MORALES, Pablo; HERNÁNDEZ, Rafael. Capital cultural y agencia en contextos de desigualdad escolar. *Revista Latinoamericana de Educación Comparada*, Buenos Aires, v. 13, n. 1, p. 45–62, 2021.
- MURILLO, Javier; HERNÁNDEZ-CASTILLA, Rafael. A desigualdade educativa e o papel da família: uma abordagem ibero-americana. *Revista Ibero-Americana de Educação*, v. 73, n. 2, p. 13–32, 2017.
- NASCIMENTO, Marcia; LOPES, João. Interseccionalidade e capital cultural: desafios teóricos e implicações metodológicas na sociologia da educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 51, n. 179, p. 122–139, 2021.
- NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2014.



NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). *Pierre Bourdieu e a educação: questões teóricas e metodológicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NUNES, A. C.; ANDRADE, J. M. de. Escala de capital cultural: evidências de validade baseadas na estrutura interna. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, v. 28, n. 1, p. 1–22, 2024.

O'SHEA, Sarah. Avoiding the manufacture of 'sameness': first-in-family students, cultural capital and the higher education environment. *Higher Education*, Dordrecht, v. 72, n. 1, p. 59–78, 2015.

PÉREZ, Alejandra; MURILLO, Javier. Capital cultural y exclusión educativa: una mirada crítica desde la sociología de la educación. *Revista Española de Pedagogía*, Madrid, v. 75, n. 268, p. 19–35, 2017.

PONTES, Heloísa dos Santos. Bourdieu no Brasil: recepção e efeitos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 35, n. 102, p. 1–18, 2020.

SÁNCHEZ, Carolina. Distinção e exclusão: o capital cultural como fator de desigualdade escolar. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 1091–1110, 2017.

SÁNCHEZ, Carolina; HERNÁNDEZ, Rafael. Capital cultural y trayectorias escolares: una revisión desde América Latina. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, México, v. 26, n. 89, p. 223–248, 2021.

SANTOS, João da Silva Júnior et al. Desigualdade social e capital cultural: reflexos na educação brasileira. *Revista ARACÊ*, v. 14, n. 2, 2024.

SILVA, Rodrigo; ALMEIDA, Júlia. Revisitando Bourdieu: a recepção crítica dos conceitos de habitus e capital cultural na América Latina. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 48, e2472019, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TUTTLE, Caitlin; MARTIN, Jason; ROTH, Jeffrey. Cultural capital and student success: evidence from a senior capstone project. *Teaching Sociology*, Thousand Oaks, v. 50, n. 2, p. 93–105, 2022.

WEININGER, Elliot B.; LAREAU, Annette. Translating Bourdieu into the American context: the question of social class and family-school relations. *Poetics*, New York, v. 31, n. 6, p. 375–402, 2003.